COLEÇÃO DE GRAVURAS ARTHUR AZEVEDO: IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Frederico Fernando Souza Silva, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo SP.

RESUMO:

Apresenta a importância desse acervo para a disseminação da cultura, sobretudo pela sua importância como objeto de identidade e representação de diversas culturas. São feitas algumas considerações acerca da gravura, seu contexto histórico e a sua importância social. Em seguida, o percurso histórico da coleção, bem como a sua importância para a democratização da arte.

Palavras-chave: Identidade. Representação. Contexto Histórico

RÉSUMÉ:

Montre l'importance de cette collection à la diffusion de la culture, en particulier pour son importance en tant qu'objet de l'identité et la représentation des différentes cultures. Certaines considérations sont faites sur l'image, son contexte historique et son importance sociale. Ensuite, l'histoire de la collection, et son importance pour la démocratisation de l'art.

Mots-clés: *Identité. Représentation. Context Historique*

INTRODUÇÃO

A arte, desde os primórdios, está presente na vida do homem fazendo parte do seu cotidiano como um dos principais fatores culturais. Tomando-se os desenhos das cavernas como as primeiras manifestações artísticas que se tem registro, é possível observar que o homem já tinha o intuito de gravar suas idéias, experiências e fantasias nas pedras. Nesse sentido, a gravura, uma expressão milenar, também vem construindo um importante trajeto em termos de história cultural, a partir dos seus desenhos e processos gráficos.

O estudo em tela tem como esteio principal a arte de gravar referente à Coleção de Gravuras Arthur Azevedo, assim como as suas várias técnicas de gravação, o processo de desenvolvimento desses suportes técnicos e a sua importância para a construção dos meios de comunicação.

Inicialmente faz-se uma breve descrição sobre a vida e obra desse importante escritor, teatrólogo e colecionador de obras de arte que foi Arthur Azevedo; em

seguida um relato conciso sobre o contexto histórico da gravura, seu processo evolutivo e suas técnicas. A seguir o estudo adentra o objeto principal, que é a Coleção Arthur Azevedo, relatando sua história desde a aquisição desse acervo pelo Governo do Estado do Maranhão em 1910, os diversos artistas nela presentes, assim como os temas retratados em períodos distintos desde a Idade Média até as paisagens brasileiras do final do século XIX produzidas por importantes nomes da arte.

São feitas considerações necessárias sobre o percurso histórico desse acervo buscando um maior entendimento sobre o tema, visto que, ele passou por diversos órgãos públicos do Estado do Maranhão nas últimas décadas até o local onde hoje se encontra que é a Curadoria de Bens Culturais do Palácio dos Leões. Destaca-se ainda, de que forma essa Coleção com inúmeras obras contribui na formação das identidades e representações sociais, sobretudo para a população brasileira. Os traços importantes para perceber os costumes de época, as paisagens e a preservação da memória das cidades brasileiras encontradas nas gravuras.

Ao final, reafirma-se a importância da Coleção Arthur Azevedo como objeto de democratização da arte, possibilitando a circulação da imagem pelo mundo, participando de forma significativa para a expansão dos processos gráficos e o alargamento dos meios de comunicação. A gravura é, sobretudo um objeto contra a escassez, é uma arte popular, que tem como finalidade maior aproximar-se e aproximar as pessoas.

ARTHUR AZEVEDO: Um amante da arte

Na história da literatura, dos meios de comunicação, do teatro brasileiro e das artes em geral, existem personagens ilustres que contribuíram significativamente para a formação cultural do país. Dentre esses, está Arthur Azevedo, jornalista, escritor, poeta, contista, teatrólogo, introdutor do teatro de revista no Brasil e, sobretudo um amante das artes.

Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, Maranhão, em 7 de julho de 1855. Filho do vice-cônsul português Davi Gonçalves de Azevedo e de Emília Amália Pinto de Magalhães, foi, ao lado do irmão, o escritor Aluísio de Azevedo, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual criou a

cadeira 29, que tem como patrono Martins Penna. Foi casado com Carolina Adelaide Lecouflé, artista gravadora formada na França.

Foi um dos criadores do Teatro Normal, adaptado em uma das dependências do Gabinete Português de Leitura, onde também atuou e para o qual escreveu peças. Entre seus companheiros figuravam Olavo Bilac, Coelho Neto e Ruy Barbosa. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, escreveu as peças *O Liberato* e *A Família Salazar*, esta última em parceria com Urbano Duarte; proibidas pela censura do Império, e mais tarde publicadas em um volume intitulado *O escravocrata.*

Sua ligação com o teatro se reflete em diversos artigos sobre eventos artísticos, publicados em jornais de grande circulação da época, como O País, O Diário de Notícias e O Mequetrefe, nos quais teve participação como articulista. Em 1871 publicou seu primeiro livro de poemas, *Carapuças*. Entre 1876 e 1908 traduziu e adaptou dramas, comédias e operetas francesas em verso. Em 1889 reuniu alguns dos seus trabalhos no volume *Contos Possíveis* dedicado a Machado de Assis. Simultaneamente aos contos e artigos, produziu também peças para o teatro de revista que o projetaram como um dos maiores teatrólogos brasileiros do gênero. Além disso, durante três décadas, lutou pela construção do Teatro Municipal cuja inauguração não pode assistir, pois veio a falecer em 22 de outubro de 1908.

Diante dessa vasta produção literária – poemas, contos e textos teatrais –, uma grande paixão de Arthur Azevedo ficou longe do conhecimento da maioria das pessoas, a arte das gravuras. Ele foi um grande colecionador, adquiriu ao longo de sua vida um imenso acervo dos mais variados gêneros, no qual estão presentes inúmeros artistas, gravadores e pintores. É possível encontrar cerca de mil gravadores distintos, de diferentes épocas, estilos e que utilizavam variadas técnicas de gravação em meio a um acervo que conta atualmente com 10.000 gravuras.

A pluralidade de obras encontradas na Coleção, que além de gravuras conta com pinturas a óleo, estampas e recortes, retratam diferentes momentos da história da arte, acontecimentos das sociedades da época, costumes e paisagens do Brasil e do mundo.

GRAVURA: Contexto histórico

A gravura, na sua ancestralidade, não remete para nenhuma forma de representação. É, antes de tudo, um sinal de presença, reflexo da consciência de si, uma marca de existência deixada indelével num ferimento nas matérias do mundo enquanto "suporte" dessa existência. Ainda que, uma arte secular, a gravura é desconhecida por grande parte das pessoas, sobretudo com relação à sua história, as técnicas e o seu processo de desenvolvimento. Dessa forma, é relevante fazer algumas observações pontuais sobre o universo da gravura e os seus desdobramentos objetivando um maior entendimento sobre o tema.

Ao longo do tempo o homem vem utilizando diferentes formas, superfícies e materiais para expressar a sua arte. Dentre essas diversas possibilidades de produção artística, a gravura está inserida através das suas obras primorosas que se originam das pedras, madeiras e chapas de metal. O nome gravura vem de gravar, a partir do francês *graver,* no entanto, a origem mais antiga remete ao grego *grafó* que significa entalhar, insculpir, burilar, escrever; esse mesmo sentido de gravar também se emprega na língua portuguesa. Nesse sentido, Costella (2006, p. 17) observa:

> De acordo com os dicionários, ***gravar*** é uma denominação genérica que engloba uma infinidade de ações. É entalhar com formão em madeira, é insculpir com cinzel em pedra, é abrir cunhos com buril, é incisar, abrir, fixar, fazer corroer para posterior impressão, é marcar com selo ou ferrete, por extensão é perpetuar, é reter na memória, etc.

A gravura fez e continua fazendo parte de importantes capítulos da história da humanidade, pois, no decorrer do tempo, novos suportes e instrumentos de gravação foram sendo descobertos. Nesse sentido é importante citar os primeiros registros de gravação sobre tecidos na China e posteriormente a impressão sobre papel. Os chineses, ao que parece, foram os primeiros a descobrir, empiricamente, um meio de imprimir o texto; certamente eles então tiveram à sua disposição os elementos necessários para a impressão: o papel, as técnicas da manufatura das quais eles sabiam durante várias décadas; a tinta, cuja fórmula básica eles sabiam durante séculos; e superfícies que carregavam textos esculpidos em alívio. Alguns textos foram clássicos do pensamento budista inscrito em pilares de mármore e outros foram selos religiosos evidentemente usados para transferir quadros e textos de orações para o papel.

A gravura no Ocidente surgiu a partir dos séculos XIV e XV com a imagem impressa e a sua própria reprodução; "os europeus utilizaram intensamente a xilogravura para produzir imagens sacras – santinhos – e cartas de baralho, em papel pergaminho" (COSTELLA, 2006, p. 35). A xilogravura é uma gravura feita com uma matriz de madeira e a xilografia é a técnica por meio da qual são feitas as matrizes de madeira para a impressão das xilogravuras.

A gravura em metal ganhou força a partir do século XVI, tornando possível obter imagens mais detalhadas e traços delicados, coisa que não era possível na xilogravura. A técnica de gravação em metal acontece de diferentes formas, dentre elas destacam-se: a *água tinta*, que é um processo de impressão em metal que se caracteriza pelo fato de pulverizar partes da placa com uma resina, que, aquecida, funde-se e fixa-se à superfície do metal; a *água forte* que é uma técnica onde a placa de metal é coberta com verniz, o gravador faz o desenho e em seguida faz o trabalho de corrosão química do metal com ácido e a *maneira negra*, técnica que trabalha a transposição do negro para o branco, preparando-se inicialmente a placa de metal para que produza um negro total e em seguida fazendo a raspagem para se obter o branco. A respeito disso, acentua Argan (2004, p. 16):

> No final do século XVI, com os Carracci e especialmente com Agostino, a gravura assume a dignidade de uma técnica artística autônoma, é claro que a segunda hipótese é a que vale: admite-se que a gravura não transmite apenas a imagem ou o tema, mas também, mesmo operando em um nível distinto e através de uma série de mediações, o valor integral da obra.

É nesse período de aprimoramento que a gravura se consolidou como uma importante técnica de difusão cultural, principalmente no que se refere aos temas religiosos. Segundo Argan (2004), a Igreja católica revalorizou as imagens que a Reforma depreciara e proibira; encorajou a formação e a difusão de uma nova iconografia sacra, que fornecesse a todos os fiéis os mesmos objetos e os mesmos símbolos para uma devoção de massa; e serviu-se das gravuras como um meio poderoso de propaganda religiosa.

No século XVIII surge a litografia, técnica baseada na impressão plana que utiliza matrizes de pedra. Nesse processo de gravação, a pedra que recebe a imagem é coberta primeiramente com uma tinta gordurosa para, em seguida, ser feito o desenho. A litografia representou um grande avanço sobretudo para os meios de comunicação da época. Conforme pontifica Benjamin (1983, p. 6):

> Com a litografia, as técnicas de reprodução marcaram um progresso decisivo. Esse processo, muito mais fiel – que submete o desenho à pedra calcária, em vez de entalhá-lo na madeira ou de gravá-lo no metal – permite peal primeira vez às artes gráficas não apenas entregar-se ao comércio das reproduções em série, mas produzir diariamente, obras novas. Assim, doravante, pôde o desenho ilustrar a atualidade cotidiana. E nisso ele tornou-se íntimo colaborador da imprensa.

Diferente das técnicas de gravação citadas anteriormente, a litografia chega rapidamente ao Brasil, trazida pelo francês Arnaud Julien Pallière em 1817, logo em seguida a técnica passou a ser utilizada pelos órgãos públicos para confecção de impressos comerciais, como faturas, letras de câmbio e diplomas, além da impressão de partituras musicais e mapas.

A história da gravura no Brasil está diretamente ligada à tipografia, principalmente após a chegada da família real em 1808 e a instalação da Imprensa Régia. Durante esse período a gravura teve grande importância na criação de rótulos e ilustrações para livros, conforme observa Costella (2006, p. 45):

> Com a vinda da família real portuguesa, em 1808, instalou-se no Rio de Janeiro a Impressão Régia, primeira oficina tipográfica a funcionar regularmente em nosso território, e, com ela, instalaram-se logo depois o Arquivo Militar e o Colégio das Fábricas.

A gravura obteve um papel fundamental na formação da imprensa, foi primordial para a disseminação do conhecimento através do trabalho editorial, para o desenvolvimento das ciências e da cultura em geral. Ela se renovou, atribuiu-se de novos valores, esteve presente no aperfeiçoamento dos processos gráficos, chegando ao século XX como uma arte independente, que adentrou as grandes galerias, ganhando assim, o status de "a arte democrática". Ela teve importante papel na construção do conhecimento da nossa civilização, pois fez com que a informação visual começasse a circular pelo mundo.

A gravura tem todas as qualidades para ser uma arte popularizada, seu parentesco com a arte gráfica, presente no nosso cotidiano, o jornal, o livro, o cartaz, etc. Sua reprodução em maior quantidade, a torna mais acessível, lhe dá a capacidade de decorar ambientes, de estar presente nos livros, de poder ser armazenada em pastas ou gavetas.

A COLEÇÃO ARTHUR AZEVEDO

A partir do extenso percurso que a gravura vem traçando ao longo dos tempos e as suas inúmeras contribuições nos mais diversos segmentos sociais, destaca-se a Coleção Arthur Azevedo, como um dos principais acervos de gravuras da América Latina pertencente ao Governo do Estado do Maranhão. A coleção foi adquirida pelo Governo do Estado em 1910 por intermédio da viúva do escritor, Carolina Lecouflé, que tinha a posse do acervo, na gestão do então Governador Luís Domingues.

O acervo inicial contava com aproximadamente 23.130 (vinte e três mil cento e trinta) obras, dentre gravuras, pinturas a óleo, retratos e desenhos. Obras de vários artistas e gravadores europeus dos séculos XVII, XVIII e XIX, podem ser encontradas, nomes como François Boucher, Jean-Honoré Fragonard, Rembrandt, Marcantonio Raimondi, Paul Veronése dentre outros, que utilizaram técnicas de gravação como: o buril, a ponta-seca, a maneira-negra, água-forte e a litografia, criando obras que retratam a mitologia antiga, paisagens, costumes e cenas religiosas. Devido à grande quantidade de obras e artistas presentes no acervo, a Coleção subdividiu-se em coleções ou temas, como é o caso das gravuras mitológicas, as religiosas e as brasilianas.

GRAVURA: Instrumento de identidade e representação

É pertinente observar que originalmente a coisa gravada deslocava-se do âmbito do objeto estético para ser apenas presença testemunhal. Ainda não estabelecia relação com nenhum sistema de representação. Porém mais tarde, o objeto gravado se enquadrou no universo dos objetos estéticos representativos. De início, apenas como valor simbólico. Não figurava como um objeto de arte, a gravura era usada apenas para marcar o lugar, mas sem ostentar uma vontade artística. No entanto, a partir do século XX as pesquisas sobre esses acervos iconográficos ganham força e desperta a atenção dos estudiosos.

A partir das últimas décadas, diversos estudos vêm sendo realizados no âmbito das representações, práticas e identidades culturais relacionados às coleções de obras de arte de diferentes acervos públicos e privados. De forma que os historiadores denominaram tais pesquisas como uma cultura de colecionar. Diante o exposto, Burke (2005, p. 80) observa que:

> As coleções são um tema da história das práticas que atrai os historiadores da arte e da ciência e as equipes de galerias e museus. *The Journal of the History Collections* foi fundado em 1989, e um grande número de estudos importantes sobre os "gabinetes de curiosidades", museus e galerias de arte também apareceu naquela época. O foco principal está no que foi descrito como a "cultura da coleção". Os acadêmicos vêm estudando o que era colecionado, a filosofia ou psicologia do ato de colecionar, a organização das coleções, suas categorias básicas (a teoria subjacente à prática) e finalmente, o acesso às coleções, em geral de propriedade privada antes da Revolução Francesa, mas que desde então se tornaram cada vez mais públicas.

A Coleção Arthur Azevedo exerce papel relevante como acervo cultural passível de inúmeros estudos e pesquisas a partir de suas imagens formando um conjunto de representações a partir da observação e leitura visual. É importante fazer uma análise sobre as possibilidades de interpretação dos textos imagéticos, que levam a reflexões sobre as paisagens de época; de que forma esses mesmos espaços são vistos na sociedade atual e a sua importância no passado e no presente. Assim como formular questionamentos a respeito das transformações estéticas e sociais ocorridas nos espaços.

As inúmeras imagens presentes nas gravuras, exemplificadas aqui pelas litografias de Manoel Ricardo Couto, Vitor Frond e Franz Heinnrich Carls, retratando respectivamente as cidades de São Luís, Rio de Janeiro e Recife, são importantes documentos sobre a memória histórica das cidades e sem dúvida trata-se de objetos de interesse não só dos historiadores como do público em geral, pois, [...] "esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos". (BURKE, 2005, p. 88)

Mais que os livros, filmes e programas de televisão mostram, há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Assim sendo, é importante que haja um constante trabalho de pesquisa sobre a memória presente nos acervos, de forma a reafirmar e fortalecer a necessidade de conhecer o passado, pois [...] "a história da memória é um campo que revela com rara clareza a importância dos esquemas ou estereótipos, e esses esquemas ajudam a perpetuar as memórias". (BURKE, 2005, p. 88)

Assim, busca-se nas particularidades da Coleção resgatar as identidades e os importantes aspectos da população e das cidades brasileiras, demonstrando a

importância da preservação dos acervos culturais e conseqüentemente da memória do país, bem como relatar de que forma se deu o desenvolvimento dos meios de comunicação através da gravura e a sua importância para a criação da imprensa e para expansão do trabalho iconográfico.

Tomando como base os estudos das culturas nacionais, sob a luz de Stuart Hall (2001), um dos grandes estudiosos da cultura contemporânea, percebe-se que um conjunto de valores e significados essenciais, sobretudo pelas representações e identidades estão presentes na cultura de um povo. Os patrimônios culturais estão inseridos nesse contexto como objetos disseminadores da memória e das representações, seja através dos bens culturais móveis, como é o caso dos museus, galerias e demais instituições com as suas coleções; ou dos bens culturais imóveis, que são os conjuntos arquitetônicos. Além, do patrimônio cultural imaterial, que não cabe aqui fazer maiores descrições, pois escapa um pouco do assunto em destaque, porém, não menos relevante para o meio artístico cultural.

As culturas nacionais, ainda segundo Hall (2001), são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Desse modo, a linguagem visual expressa através das técnicas de gravura demonstra parte da cultura do país a partir das suas paisagens e personagens nela descritos e todo o contexto de época presente. Essa interação do observador com a obra gera, direta ou indiretamente, um sentimento de identificação do indivíduo com esses diferentes símbolos e representações. Neste sentido, Hall (2001, p. 51) preconiza:

> As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

É necessário atentar constantemente para a importância de conhecer e recuperar as identidades de uma sociedade como forma de adentrar o presente e avançar para o futuro de forma consciente sem ocultar ou desconhecer os importantes fatos da história. Nesse sentido, Hall (2001, p. 56) afirma que [...] "as culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele 'tempo perdido', quando a nação era 'grande'; são tentadas a restaurar as identidades passadas". Este constitui o elemento regressivo, da estória da cultura nacional. Mas freqüentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para

mobilizar as pessoas para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os outros que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente.

PERCURSO HISTÓRICO DA COLEÇÃO

A Coleção Arthur Azevedo percorreu um extenso caminho no decorrer de quase dois séculos, parte desse trajeto ainda é desconhecido pelos historiadores e pesquisadores, pode-se dizer até mesmo que se trata de um *mistério*. Certamente esse vasto acervo de gravuras deve ter chegado ao seu destino inicial e penduradas em paredes, posteriormente esquecidas em caixas, gavetas ou baús.

É uma tarefa bastante difícil definir qualquer trajeto desde a produção dessas obras nos ateliês localizados em grande maioria na Europa. Inevitavelmente, com o passar do tempo, elas ganharam uma cor sépia, sofreram deteriorações de fungos e traças, mas ainda assim resistiram e continuam a exibir uma beleza especial acrescida pelo tempo.

O acervo, hoje com aproximadamente 10 mil gravuras restantes da coleção original encontra-se na Curadoria de Bens Culturais do Palácio dos Leões (São Luís - MA), onde é feito o trabalho de preservação, catalogação e restauração das obras. Na pesquisa de campo realizada no órgão responsável pela guarda do acervo, percebeu-se um avanço considerável com relação às políticas de preservação e o próprio pensamento dos profissionais da área sobre a importância em preservar a coleção. Foi possível constatar também que o ateliê de restauro de obras de arte (suporte papel), encontra-se em funcionamento e equipado com modernos aparelhos de limpeza, conservação e reintegração.

A Coleção Arthur Azevedo esteve presente em diversos órgãos públicos do Estado como a Biblioteca Pública Benedito Leite, local onde passou pelos primeiros processos e tentativas de preservação, bem como de catalogação do acervo, ainda que, de forma bastante primária em meados da década de 1960 e 1970. O Arquivo Público do Estado também teve a guarda temporária das gravuras; o Museu Histórico e Artístico, o Museu de Artes Visuais, a Academia Maranhense de Letras e a Assembléia Legislativa do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravura como disseminadora do conhecimento e importante aliada dos meios de comunicação visual, faz parte de uma técnica artística importante para democratizar a arte. Não possui a mesma aura presente nas grandes pinturas, no entanto cumpre com excelência o papel de oferecer à contemplação as mais belas imagens a partir de reproduções fieis das imagens originais, sem perda do valor artístico da obra.

A Coleção Arthur Azevedo reafirma seu papel fundamental na propagação da história dos povos através do seu acervo. Pois, como foi dito, a partir da observação atenta das obras, pode-se identificar, de maneira silenciosa e intimista, o momento histórico do qual elas fazem parte, revelando então que cada povo tinha sua história descrita de acordo com o contexto cultural vigente à época.

As gravuras pertencentes à coleção podem ser apreciadas pela população do estado do Maranhão, onde estão localizadas, como também pelos demais povos do Brasil e do mundo interessados em conhecer uma valiosa parte da história das civilizações nos últimos séculos, retratada sobre papel de forma belíssima por grandes nomes da arte. Através de visitas guiadas aos Salões Nobres do Palácio dos Leões, é possível ter acesso a uma parte do acervo que se encontra em exposição permanente.

É importante ressaltar que em 2008 (dois mil e oito), ano do centenário da morte de Arthur Azevedo, foi realizada uma grande exposição da Coleção na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, primeira vez em que esse acervo foi exposto fora da cidade de São Luís. No entanto, observa-se que muito ainda pode e deve ser feito não somente no âmbito da conservação e restauro da coleção, como pela sua divulgação e acessibilidade.

Essa pluralidade de obras presentes faz desse acervo um grande tesouro a ser descoberto por todos que admiram o universo artístico da gravura. Nesse sentido, manifesta-se aqui o desejo de que os órgãos responsáveis e, sobretudo os gestores do patrimônio cultural público intensifiquem ainda mais suas atividades em prol desse importante instrumento artístico cultural. Assim, a Coleção Arthur Azevedo intensifica seu valor histórico como importante objeto de reflexão e expansão do conhecimento.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão**: ensaios sobre o barroco**.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COSTELLA, Antonio F. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 2006.

DASILVA, Orlando. **A arte maior da gravura**. São Paulo: Ed. Espade, 1976.

DUBOC, Maria Helena. **Gravuras: Coleção Arthur Azevedo, Palácio dos Leões**. São Luís: Curadoria de Bens Culturais, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A gravura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1966.

JÚNIOR, R. Magalhães. **Arthur Azevedo e sua época**. Rio de Janeiro: Ed. Saraiva, 1952.

Textos escolhidos / Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas; traduções de José Lino Grünnewald ... [et al.]. São Paulo; Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

Frederico Fernando Souza Silva

Graduado em Direito pelo Uniceuma, pós-graduado (lato sensu) em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pós-graduado (lato sensu) em Jornalismo Cultural pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo SP.